

A SAUDADE

JORNAL DO GREMIO LITTERARIO PORTUGUEZ.

Vol. III,

Domingo 28 de Dezembro de 1856.

N. 18,

AOS NOSSOS ASSIGNANTES.

Obstaculos imprevistos, e que se não podem remediar de prompto, teem retardado a publicação d'este numero. Enviaremos todos os esforços para os remover; entretanto é possível que a SAUDADE não se publique n'esta e na seguinte semana. Para evitar pois algumas supposições menos lisongeiros, fazemos esta declaração, convencidos de que os senhores assignantes a acolherão com indulgencia.

A REDACÇÃO.

LITTERATURA.

Paginas Intimas.

XVIII.

ESTUDOS HISTORICOS.

I.

VIRIATO.

XVII.

A maior parte do exercito de Viriato compunha-se da gente pouco amestrada em combates.

Obrigado a procurar novos reforços não tivera tempo de exercitar os soldados; assim não admira que o primeiro choque causasse impressão nas

fileiras do valente Lusitano. Conhecendo a pouca probabilidade de victoria, e achando inutil sacrificar seus companheiros de armas, retirou-se para o monte de Venus (perto de Evora) sem comtudo perder essa boa ordem que torna uma retirada fatal ao inimigo. Ahi, depois de repetidos ataques parciaes, conseguiu tomar uma soberba posição, onde aguardou ao Pretor.

Convinha despertar os animos dos Lusitanos. Viriato fallou-lhes em termos bastante energicos dispondo-os para a batalha que hia seguir-se. Com effeito, as previsões do valente capitão realisaram-se bem depressa. Quinto Pompeyo acommetteu o exercito d'aquelle, e depois de um renhido e longo combate foi o Pretor completamente desbaratado.

Os Romanos deixaram no campo quatro mil mortos e 27 bandeiras. Não tendo mais nada a fazer n'esta parte da Lusitania, seguiu Viriato para a cidade de Utica, onde se conhecia já a derrota de Pompeyo. Acolheram aquelle com os afrontosos epithetos de *salteador*, exaltando a justiça que assistia a todos os Pretores tratando-o como tal. Viriato nem por isso deu grande importancia a este desafogo, mas para que ficassem sendo de todo conhecidos os seus sentimentos, respondeu que os Romanos eram os primeiros e maiores ladrões do mundo, pois que queriam assegurar-se pela conquista de tudo que não estivesse em circumstancias de resestir-lhes.

A guarnição da praça não quiz entregar-se. Viriato empregára até ali todos os meios de persuasão, mas nada conseguindo tratou de mostrar o quanto valiam esses soldados sob o commando de um *salteador*. Na impossibilidade de offerecer-lhes batalha campal, lançou mão dos ardiz mais bem combados, e em que era Viriato extraordinariamente notavel. Utica era rodeada de grandes atoleiros, o Lusitano, com o grosso

do seu exercito, embrenhou-se por elles. Os Romanos pensaram que os inimigos, em pequena quantidade, desejavam apenas ganhar tempo. Sahiram pois da cidade. Era isto o que Viriato pertendia.

Sorpreheu-os de improviso, e impellindo-os para os atoleiros começou a castigal-os em represalia á maneira insolente por que o tinham acolhido. Quando souberam que era Viriato em pessoa que commandava os Lusitanos, foram tomados de um tal panico terror que largaram as armas procurando a fuga. Com pequeno custo puderam aquelles cercal-os, e, sem esperanza alguma de melhor exito, prestaram-se a quanto Viriato se approuve propor-lhes. Os Romanos foram expulsos da cidade e os seus habitantes juraram obediencia e fidelidade ao heroe. D'aqui partio Viriato para o estreito de Gibraltar. A costa estava guarnecida por um fraco numero de Hespanhoes e Romanos; as violencias do primeiro tornaram-se tão repetidas e excessivas que se reclamou do Pretor qualquer medida que lhes pozesse cobro. Pompeyo recolhera-se a Cadiz. De todos os lados partiam noticias assustadoras respeito aos Lusitanos, pediam-se soldados e armas, o Pretor porem a nada attendeu, porque tinha bem presente a recepção que lhe fizera Viriato. Esta inercia exasperou os Cordoveses. Tomaram por fim o partido de expulsar a Pompeyo.

(Continúa.)

XAVIER PINTO.

Mathilde.

POR A. XAVIER RODRIGUES PINTO.

(Continuação.)

É demasiado para as nossas forças pintar o sentimento de curiosidade que se desenhava no semblante das pessoas presentes. Cada uma d'ellas tinha mais ou menos parte no ensanguentado drama de que Luiza relatára as primeiras scenas. O assassinato de João Pinheiro era ainda o thema de todas as conversações. Elle fora consummado por uma maneira tão inesperada e extraordinaria, que despertara na idéa de todos um interesse tanto mais notavel, que poz as authoridades em conflicto. Desde o simples cabo de policia até ao administrador do Conselho, d'este até ao Delegado do Procurador Regio, era uma continua troca de participações! Algumás pessoas tinham sido commodadas, mas reconhecia-se bem depressa que o verdadeiro culpado continuava a zombar

da justiça e da sociedade offendida, senão em um dos seus mais nobres ornamentos, em um dos mais dignos e respeitaveis. Havia com tudo uma singular origem n'este repetido encontro dos diversos poderes civis e judicarios; oito ou dez dias depois do assassinato do pai de Carlos, fora dirigida ao Regedor da Fulgosa uma carta anonyma que dizia em substancia o seguinte:

«O assassino de João Pinheiro está e continuará sempre ao abrigo de qualquer medida da parte das authoridades. A sua posição, o conceito de que gosa n'este concelho, é bastante para o rodear de um véo espesso e impenetravel, cuja ponta a ninguém será dado levantar.» Facil será conhecer o quanto esta declaração devia contribuir para que houvesse um empenho pouco natural da parte d'aquelles a quem fora confiada a execução immediata da lei. Era isto, simplesmente isto, a causa d'este interesse, não por que Pinheiro deixasse de inspirar sympathia entre as pessoas que haviam tido conhecimento de seu desgraçado fim, mas porque o autor do delicto se encarregára de lançar a mecha no meio d'esse cahos imenso de materia inflammavel. Ouçamos pois Luiza, e verão os leitores que só ella podia dar o signal da explosão.

«João Pinheiro não regressou a casa uma noite. Os creados não deram grande importancia a esta falta, porque essa noite fora acompanhada de uma violenta tempestade que tornou as estradas intransitaveis. Atribuiram a isto a excepção do costume d'aquelle, e no dia seguinte esperavam-no sem inquietação. As duas horas depois do meio dia ainda João não tinha voltado. Os fieis servidores começaram a recear por elle. O mais velho resolveu hir á Fulgosa. Assim fez. Julgae o quanto eram fundados os seus receios. Disseram-lhe que Pinheiro, não obstante os pedidos de Margarida, teimára em deixal-a; de sorpresa em sorpresa convenceram-se de que elle tinha sido victima d'alguma cilada. As pesquisas durante o dia succederam-se umas após outras, mas o fim do desgraçado velho continuava a ser um mysterio. Um trabalhador do coronel Fonseca, recolhendo-se para sua casa pouco depois das 7 horas, atravessava a mata da quinta, e proximo á *encrusilhada* achou um homem estendido na relva. Reconhecel-o, ver que estava morto, foi obra de um instante. Em poucos minutos compareciam no lugar muitas pessoas chamadas pelos gritos do camponez; entre ellas estava a infeliz Margarida, louca de desespero, e indignação.

Seu pai, a bondade personalisada, seu pai inoffensivo e gasto pelos annos, fora victima do mais nefando dos crimes, elle que nunca praticára a menor offensa a um seu semelhante!

Foram baldadas todas as diligencias para descobrir o assassino! A Fulgosa em peso reclamava das authoridades a punição do culpado porém

como descobri-o?! Ha quatorze mezes que dous infelizes vão orar sobre a sepultura de seu pai assassinado, e ainda não lhes foi possível escrever sobre ella o nome do assassino!»

Luiza, commovida já, pronunciou as ultimas palavras entre um veu de lagrimas, e como que esta triste narração lhe esgotasse as forças que adquirira com a *poção* do medico, inclinou-se sobre o travesseiro, seus olhos fecharam-se insensivelmente, parecendo que a alma se desprendia pouco a pouco de involucro que a rodeava para remontar aos Céos. Um novo incidente chamou os circumstantes para outro lugar. No meio de silencio profundo que succedera ao diluio de Luiza, ouviram-se passos precepidados na sala proxima, e algumas palavras destacadas que indicavam o quer que fosse de attercação entre os curiosos que esperavam á entrada da casa.

Uma voz porém se elevava acima de todas; o accento d'ella tinha um tanto de extranho e desconhecido; o Regedor sahio do quarto resolvido a despedir os importunos, e Lourenço, em quem essa voz produzia um effeito bastante desagradavel, levantou-se como para seguir aquelle. João fechou a porta, pensando que o movimento do primeiro era para evadir-se. O tumulto continuava. Que diabo de gente curiosa, nunca viram um negro?... deixem-me entrar! Advinham os leitores que a questão fora suscitada por Domingos, descobrira por fim a *pedra philosophal* representada na pessoa do seu *amigo* Lourenço. A presença do Regedor conteve a multidão. Domingos continuava a empregar todos os esforços para sahir do meio d'esse circulo de ferro que o impedia de penetrar no quarto. Mais respeito, exclamou um, estás na presença do Sr. Regedor. O preto olhou para este, e disse, com um movimento d'alegria: Senhor, conduza-me á presença da menina Luiza; ha aqui outra pessoa que não ficará muito satisfeita com a minha entrada, mas eu tenho de perguntar-lhe o fim que deu a uma pistola....

—Como? atalhou o regedor sorprendido. Nada, é uma pequena cousa a averiguar entre Domingos—o escravo de Carlos Pinheiro, e Lourenço de Castro filho do morgado de Villa-Secca. E sem esperar resposta abriu passagem por entre os curiosos e bateu á porta do quarto. Foi aberta; Domingos não contava achar-se na presença de tantas pessoas. Procurou entre ellas o que o trazia ali, e vendo Lourenço, que continuava inquieto, cumprimentou-o ironicamente, e sem pronunciar a menor palavra aproximou-se da cama, crusou os braços, inclinou-se bem sobre o leito, parecendo interrogar o pallido semblante de Luiza, e como ninguem até ali lhe respondera, voltou-se de novo para o raptor, e disse: E esta a menina que tiveste a crueldade de roubar a seu pai? O re-

gedor entrava neste momento no quarto. Senhores, prosequio Domingos, em tom supplicante: Em nome de Deus, dizei-me o que succedeu aqui? Todos os labios ficaram mudos. Menina, menina, tornou elle como um louco, apossando-se de um dos braços da infeliz. O medico intervio. Que fazes? o que pertendes d'aqui? Sr. Lourenço, responde, esta pergunta diz-lhe respeito. Como da primeira vez, Castro guardou silencio. Quem poderia dizer o que havia de commum entre Luiza e Domingos senão o proprio Lourenço? Explica-se esta frieza ou antes indifferença da parte de todos porque o preto entrara no quarto como cahido das nuvens, isto é, ignorava-se que elle tivesse conhecimento dos precedentes das duas principaes personagens ali presentes. Domingos esperava sempre uma resposta qualquer, vendo porém que nada obtinha, disse com voz tonante: Sou escravo de Carlos Pinheiro, amigo do pai desta menina, chamo-me Domingos; quem se presta a escrever a longa narração dos crimes d'aquelle homem? Eu, o doutor Henrique da Gama Cardoso, respondeu uma voz. Todos se voltaram por um espontaneo movimento. Henrique encostado á porta do quarto, esperava havia algum tempo a occasião opportuna para apresentar-se. Ninguem tinha dado por elle; como entrou, quem o encaminhou até ali, ignoravam-no todos; era tão extraordinaria a presença d'este e de Domingos que nem um só pedira explicações. Dispunham-se para o desfecho deste cumprido e ensanguentado drama. Henrique fez uma ligeira inclinação de cabeça, retribuindo cumprimentos que lhe faziam, e aproximou-se de Domingos. Continúa disse elle... mas não vejo aqui um padre, dar-se-ha caso que neguem aquella infeliz as orações dos mortos? Perdão Sr., Luiza não está n'esse caso, disse o medico. Como? Respondo por ella, é apenas um desmaio, consequencia dos muitos combates de espirito que a tem assaltado. Lourenço julgou-se perdido sem remedio, não conhecia o doutor Gama, mas comprehendera que era a elle que devia temer sobre tudo.

Ah! Luiza vive... muito bem; esperemos que volte a si.

E Henrique sentou-se tranquillamente perto da cama.

Continúa.

A fisiologia d'um baile.

Para as moças gentis é o baile o palacio do crystal que offerece á exposição sua belleza e encantos; para os jovens é o mais doce cordial e o seu suspirar de cada hora; para os pais e maridos é um sorvedouro de dinheiro e um foco de desmoralisação; para os medicos é a causal das

thysicas e coqueluches; para o negociante é um manancial constante que lhes faz trasbordar os cofres.

.... Mas que importa, se é n'um baile que mais de proximo aspiramos o doce respirar do ente adorado, e se então por entre as evoluções cadentes da *valsa*, comprimimos de leve em nossas mãos um seio donoso que palpita por nós! Que importa se um olhar de languida ternura, se um sorriso de mago encanto nos affaga o coração!!!...

Um baile passa-se sempre em um salão quer seja mediocre ou elegantemente decorado. Assim como em um jardim pensado por agricultor deleixado, surgiu d'involta com as mais bellas e odoríferas flôres parasitas, safaras e inodoras, assim no baile affluem á par de moças formosas e gentis, outras esguias e alfenadas.

Meia duzia de mancebos infatuados encetam a suas beldades eroticos protestos, por demais banaes e sedições. Vel-os-heis a cada passo endireitando a calça, conchegando a casaca e desenrugiando suas luvras de *Jouvin*. D'um lado deparaes uma das *preciosas rediculas* de Molière, decidindo cathedricamente do merito do folhetim mais recente; d'outro encaraes um mancebo arrebitado discutindo com sua nympha sobre a questão do Oriente, ora redigindo (*in mente*) seus protocollos e *ultimatum*, qual outro *Metternich*, ora fazendo entrar a guerra em nova phase, ou qual *Napier* enhotando (aquecido em nobre ardor) a pontapés os soldados do *Czar*, e hasteando nas ameias de *Cronstad* a bandeira da victoria. Contiguo a esse divisaes um outro igualmente pretencioso, jámais o ouvireis dizer luvras de pellica, nada é *gants à Jouvin*, ao seu relógio chamar-lhe-ha sempre *montre*, ás calças *pantalons* e assim por diante. Não muito longe está um moço atacado d'uma moléstia horriavel é o camondongo litterario, se fallais com elle e se vossas palavras merecem seu assenso, atira-vos sem a menor cerimonia pelas ventas com um *bien trovate* ou um *good say*, ou um *c'est comme ça*, se lhe fallardes em A. Herculano e Garreto dir-vos-ha: « São uns escriptores superficiaes, tem talento mas não estudam. A historia de Portugal e da Inquisição, a Harpa d'um crente e Eurico, resentem-se de pouco fundo d'idéas. As viagens á minha terra, o poema Camões, a D. Branca, etc., offendem as regras da poetica, e depois provar-vos-ha isso tudo com a carta de *Hercacio aos Pisões* e com a arte poetica de *Boileau*. No lado opposto enchergeareis uma victima da natureza, uma das que se denominam *thias*, porque nunca acham casamento, censurando com acrimonia o traje depurado e gestos expansivos das bellas. Nos seus olhos referve a inveja, dirieis, e com effeito não vos enganaveis, que chove mil improprios sobre os orens impoliticos que desertam de seus arraiaes,

e que lhe enausea a espontaneidade da travessa vizinha que retribue no centuplo os alfenins do namorado. Mais além, em um dos angulos da sala, vereis propectas matronas, a chorar pelo maná do deserto e a percorrer tristes os annaes tão cheios de seus passados triumphos; a imprecar o tempo que s'escoa tão asinho e qual rio caudaloso quando rompe seus tabiques, imprime profundos vestigios de devastação por onde passa. Oh! se algum condão houvera, se um encantamento existira que lhes restituisse o carmin das faces e alvura assetinada da cutis, e esse affan estugado e delicioso dos annos de sua juventude, e essa elasticidade emfim do corpo tão victoriada no *mon roi* e *gavota!*.. Mas ah! que dessas faces acarmínadas e de jaspe nada mais resta que um rosto macilento e poroso, e um mandibula com alguns veteranos cansados das guerras gastronomicas, seus membros tardos e ronceiros já se não prestam aos requebros desenvoltos da *polka* e da *schotisch*. Infelizes! já de ha muito pisam em terra *Chanaan*, cessou o maná; esvaiu-se a esperança. Do ceu aerio e extasiante da poesia tombaram nos braços cadavericos da prosa mais insulsa (*oh tempora oh! mores*).

Agora a orchestra começa a desferir as primeiras notas, afinam-se os instrumentos, emprazam-se as contradanças, collocam-se os pares, e os jovens dos dous sexos pedem inspirações a *Terpsichore* e exhibem todos os recursos da estatica em seus passos e piroetas. O resto, leitor, como tudo o mais, vós bem o sabeis.

Rio de Janeiro, 18 de fevereiro de 1856.

D. Augusto Maciel do Amaral,

A Filha de Oconnor

OU

A FLOR DE SANGUE.

POR T. CAMPBELL,

I.

Outr'ora, ai de mim, as harpas de *Innisfail* (*) reproduziam ao longe seus cantos d'alegria; algumas vezes tambem ellas repetiam uma historia repassada de melancolia tocante; a musica era triste, sua harmonia selvagem semelhava-se ao echo plangente do vento durante uma noite solitaria. Lastimava-se a filha d'Oconnor. O bardo contava como esta joven tinha renunciado a

(*) Anigo nome da Irlanda.

socego risonho do lar domestico, para viver afastada dos lugares frequentados pelos homens, não escutando mais que os gritos dos animaes ferozes. Diz-nos ainda oh, bardo, porque escolheu a morada do deserto, ella, a amavel e pallida filha d'Oconnor?

II.

Os filhos de *Erin* não sentem mais o poder de seus encantos, como no tempo em que ella habitava no palacio de seus pais onde a sua brilhante alvura dava ás perolas de seu collar a apparencia de gotas de orvalho sobre um liz da primavera. Suas mãos, seu pescoço, não trazem mais os ricos adornos dignos da sua belleza. Porque esta mudança? Os exercitos de seus irmãos teem sido, é verdade, sacrificados aos de Burgo, mas retirados no *Leinster*, ainda respeitado pela guerra, seus amigos escaparam ao grande numero d'aquelle. Porque pois, tão longe dos campos da sua patria, nas costas de *Galloway*, fertil em naufragios, se vê errar, caçadora selvagem, a amavel e pallida filha de Oconnor?

III.

Fixados no espaço, seus olhos brilham animados de um fogo sobrenatural; suas negras tranças cahem em desordem, seus labios repetem de incessante o nome do *Connocht Moran*, e algumas vezes, por entre os aridos rochedos, ella faz ouvir um canto triste e tocante. Vedes no meio do musgo e das flôres uma cruz que indica o tumulo de um guerreiro? Do lumiar da pobre cabana pôde contemplal'o, gosando do unico bem que lhe resta. Consola-a, n'este abandono, a idéa de que o heroe caro ao seu coração repousa perto d'ella.

IV.

Brilhante como arco iris no meio de nuvens sombrias, e coberta da vestimenta dourada de *Innisfail* (**), linda como os anjos, ella sobe ao cimo da collina, e parece-lhe ver ao longe a *Moran* com a trombeta da caça a seu lado. Outras vezes acompanha-o por entre a floresta, em perseguição de um gamo ferido, e estas visões tornam-a feliz. Sombras vãs que passam atravez do

(**) Os antigos Irlandeses tinham um gosto particular pelas vestimentas de um amarello pronunciado

crepusculo de seu espirito, mas ella voz diz que acha mais prazer vendo surgir esses phantasmas fugitivos, e em possuir o tumulo de seu amante, que gozar das riquezas encerradas sob as abobodas sumptuosas de *Agrim* (***) onde os bardos catauvam outr'ora seus encantos, onde os pagens lhe apresentavam de joelhos o *morat* (****) em uma taça de ouro.

V

Esposa de um heroe, este obscuro retiro não convêm a teus altos destinos. Mas porque fitas ternamente esta flôr (****) cujo nome recorda a perda de um guerreiro querido?

Estrangeiro, escuta: Escolhi este asylo deserto, e abençoo a minha estrella por mais fatal que seja, pois que me ha conduzido a logares ignorados, onde ao menos tenho achado um abrigo para mim e para *Moran*; aqui onde cada pedra, cada planta, attesta que elle foi meu.

(Continua.)

Trad. do Francez

XAVIER PINTO.

POESIAS.

Ilusão.

NO ALBUM DO MEU AMIGO O SR. F. COELHO MARTINS DA COSTA.

Foi um sonho, que sonho ditoso,
Oh! que instantes felizes passei!
Foi um sonho, que sonho ditoso
Eu com ella, com Julia sonhei.....

Eu a vi, oh, ventura, era ella,
Minha Julia, tão terna e querida!
Eu a vi, oh, ventura era ella,
A minh'alma, meu ser, minha vida!

(***) *Agrim* —Palacio dos reis de Inglaterra.

(****) *Morat* —Bebida composta de amoras selvagens e de mel.

(*****) Flor de sangue, no Inglez, *mylone liés bleeding* (meu amante jaz ensanguentado) è uma especie de saxifraga (planta.)

Eu a vi oh, meu Deos, e tão casta
 Como a rosa no seu desbroxar!
 Eu a vi, oh, meu, Deos e tão casta
 Os seus braços abrindo ao luar!

Eu a vi, e tão leda e risonha
 Como a lua nos mares folgando!
 Eu a vi, e tão leda e risonha
 Em seus braços, feliz, me estreitando!

Eu a vi, e tão terna e tão grata
 Qual o cravo mimoso em botão,
 Eu a vi, e tão terna e tão grata
 Conchegando-me a seu coração.

Eu a vi, e tão meiga e tão doce
 Qual a estrella que brilha no ceo!
 Eu a vi, e tão meiga e tão doce
 Me occultando nevado em seu veo!

Eu a vi, e tão pura e ditosa
 Qual gentil e mimosa uma flor!
 Eu a vi, e tão pura e ditosa,
 De seus labios a voz disse amor!...

Ai amor, ai amor oh ventura!
 Foi amor de seus labios que ouvi....
 Foi amor que a sua alma tão pura
 Junto a minha fallar eu senti!

Mas foi sonho....que negra desdita!
 Ilusão que mui breve finou,
 Da saudade, e entre a magoa infinita
 Só gemendo, cruel me deixou!....

JOÃO DANTAS DE SOUZA.

Recordação.

NO ALBUM DO SR. A. XAVIER RODRIGUES PINTO,

Meu passado, tão risonho,
 Meu presente, tão feroz,
 Meu futuro alem deviso-o
 Rir d'escarneo, rir d'algoz.

Sou culpado, não fiz caso
 D'um pedido moribundo,
 Pobre mãe, advinháras
 Minha sorte n'este mundo.

Não m'esqueço a cada instante
 Tuas fallas derradeiras,
 Só na dor vim conhecê-las
 Serem justas, verdadeiras

— « Meu filhinho tu promettes
 Patria e pai nunca deixar ?
 — « Boa mãe, prometto nunca
 Patria e pai desamparar !

— « Sim, meu filho, nunca deixes
 Os dois entes mais queridos,
 Que te restam n'este mundo
 De desgraça, dor, gemidos! »

Um sorriso deslisou-se
 Mortuario para mim,
 Os seus labios murmuraram,
 — « Não t'esqueças, filho, sim?!...

A poucos momentos do fatal colloquio
 De mãe era orphão, deixou d'existir,
 Talvez convencida, que jámais o seu filho
 Faria o contrario; morreu a sorrir !

Mas não, quando a sorte nos chama á desgraça
 Que forças humanas nos podem reter ?
 Qu'importam os rogos da mãe muribunda,
 Do pai ver o pranto, na Patria o viver !

Um véo deslumbrante nos venda, nos turba,
 Nos mostra a vereda risonha a seguir,
 Ornada de rosas, delicias sem conta.
 Qu'importa a vontade dos pais a cumprir?

Assim me succedeu, deixei-te Patria
 Alegre e presenteiro !

Embebido n'um sonho deslumbrante,
Julgando-o verdadeiro !

Deixei-te caro pai... tam bem julgava
Achar compensação
N'um ente que me amasse, qual me amaras
De todo-o coração !

Passado, feliz tempo jamais voltas,
A ventura acabou-se !

O porvir que faustoso prometeste
Em martirios tornou-se !

Agora é só soffrer, até que chegue
O momento final,
D'este mundo deixar, a vida amarga
Passada em vendaval !

Qu'importa, ao proscripto, nas terras brasilias
Achar a fortuna constante a sorrir ?
Qu'importa, lhes mostre veredas risonhas,
Que o levem ao termo d'um bello porvir ?

A crença, os costumes, as leis idioma,
A terra chamal-o de filhos tão bem ?...
Meu Deos, o proscripto com nada s'importa,
Saudades da Patria no peito só tem !

A cada momento lhe assalta á lembrança
A vida passada, passada a sorrir.
Apoz o presente, feroz, oppressivo,
Na mente o proscripto devisa o porvir ?...

N'outro tempo tive a esperança
Inda patria um dia ver,
Ver fagueiro o meu Mondego
Pelas campinas descer;

De sentar-me em tarde estia,
Ver correl-o de mansinho.
Ouvir junto ao seu murmurio
O trinar do passarinho.

Escutar ao longe ainda
Meigo cantar do barqueiro;
Vel-o apoz passar sentado
No seu barco mui veleiro.

Ver os campos verdejantes,
Ver o gado apassentar,
Ver emfim Coimbra a bella
Patria minha, sem ter par !

Ir depois beijar a campa
D'aquella que deu-me o ser !
Orvalhal-a com meu pranto...
Qu'importára então morrer?

Essa esp'rança que eu nutria
Docemente me deixou
Desde o dia em que o destino
Meu futuro me mostrou !...

Novembro, 30 de 1856.

PEREIRA RIBEIRO.

Meditação.

Ao sem ventura que entender meu canto
Meu canto e minhas lagrimas envio !..
(CASTILHO, GIUMES DO BARDO.)

E' noite !... brilha a lua mui serena
Entre saphyras sobre o espaço immenso
Silenciosa a terra, tudo dorme,
Só não dorme quem ama quem suspira!
Diz-me, coração porque te opprimem
As dôres, afflições que em ti encerras ? !
Sim !.... diz-me oh ! diz-me bem depressa
Em crebros ais, gemidos só respondes...
Desgraçado !... conforto dar não posso
Contra as maguas cruceis que te espezinham !....

Mas agora que tudo jaz tranquillo
 E o silencio da noite me protege
 Quero ás auras que voam brandamente
 Entregar meus suspiros, meus queixumes;
 Possão ellas bondozas e fagueiras
 Leval-os onde tenho o pensamento,
 E a vaga que estender-se vem na areia,
 Melancolica e triste susurrando,
 Dentro em si minhas lagrimas receba!...
 Rio, 20 de Dezembro de 1856.

DIOCLECIANO DAVID CEZAR PINTO.

O balanço e a flor.

Sentada n'uma cadeira
 Balançando-se altaneira
 Qual a rosa na roseira
 Eu vi uma bella estar:
 Com um jovem conversava
 Suas magoas lhe contava,
 Eu apenas lhe lançava
 De quando em quando um olhar.

Reparei em seus cabellos
 Que tão pretos e tão bellos
 Ondulantes e singellos
 Ornavão seu lindo rosto:
 Apenas a divisei
 Suas graças adorei
 Seus pretos olhos amei,
 Que são olhos de meu gosto.

Eu vi seus labios mimosos
 Abrir-se mui graciosos
 Seus alvos dentes, lustrosos,
 Tão brilhantes deixar ver:
 Vi seu collo de marfim
 Par'cia d'um cherubim,
 Eu só queria p'ra mim
 Gozalo, depois morrer...

De repente uma flor vem,
 Não sabendo d'onde ou quem
 Uma tal lembrança tem,
 Em seu regaço cahir,
 Mui ligeira pega nella
 Era tão linda tão bella
 Mais brilhante qu'uma estrella
 Em seu luzente fulgir.

Vae collocal'a n'um ramo
 Que estava n'um vaso ufano
 Sem lhe fazer algum dafno,
 Fica-te ahi linda rosa—
 Lhe disse, porem voltando
 E no joven reparando
 Que a rosa quer, se tornando
 No seio a mette orgulhosa

—Só será minha e tambem,
 Nunca a darei a ninguém
 Não quero vel'a ao desdem,
 Já que a brisa assim m'a deu
 Embora fosse mandada
 Será por mim estimada
 Foi pela sorte enviada
 Quem a gozará sou eu.

Após isto se assentando
 E um terno olhar lançando
 O seu peito vi arfando
 Par'cia dizer—amor—
 Quizera então não ter pejo
 Imprimir-lhe um doce beijo
 Satisfazer meu desejo
 Abraçal'a com ardor...

Agosto, 23 de 1856

F. C. MARTINS DA COSTA.